

DINÂMICAS DO PATRIMÓNIO ARTÍSTICO

CIRCULAÇÃO, TRANSFORMAÇÕES E DIÁLOGOS

Clara Moura Soares | Vera Mariz
(eds.)



BOM LEILÃO
DAS
Magníficas mobílias, livreria e mais objectos
de uso, ornamentação e de arte, que
garnecem as salas, casa de jantar,
escritorio, quartos de cama e de vestir,
e mais dependencias de
TODA A CASA
Rua da Estrella, 45
Hoje, 30 do corrente e dias seguintes ao meio dia
SOB A DIRECCÃO DE
JOSÉ DOS SANTOS LIBORIO
Empreza liquidadora - SALÃO DE VENDAS
Distribuem-se catalogos no acto do lei-
lão.
Com autorização do ex.^o senhorio ao traspasso e casa,
bem como se vende, caso convenha, a quem lizer esta a
rosa, uma satura para plantas, chales para viveiro de aves
e mais ornamentações do magnifico jardim.

**DINÂMICAS DO
PATRIMÓNIO ARTÍSTICO**

CIRCULAÇÃO,
TRANSFORMAÇÕES
E DIÁLOGOS

**DINÂMICAS DO
PATRIMÓNIO ARTÍSTICO**

CIRCULAÇÃO,
TRANSFORMAÇÕES
E DIÁLOGOS

CLARA MOURA SOARES | VERA MARIZ (EDS.)

TÍTULO

Dinâmicas do Património Artístico. Circulação,
Transformações e Diálogos

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Clara Moura Soares

Vera Mariz

PAGINAÇÃO

Carolina Grilo

ISBN

978-989-20-8793-1

DATA DE EDIÇÃO

outubro de 2018

EDIÇÃO

ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade
de Letras da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa

Tel. 217 920 000 Ext.: 11400

E-mail: artis@letras.ulisboa.pt

No presente volume foi da livre escolha dos autores
a utilização ou não do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990.

Organização



Apoio



Patrocínios



Índice

Editorial - Clara Moura Soares; Vera Mariz	8
Los tratados de Poleró y Macedo, y la transformación de la profesión en conservación-restauración en España y Portugal - Ana Calvo	10
A viagem múltipla. A circulação da obra e da sua representação no contexto das encomendas artísticas do Portugal joanino: da concepção à recepção - Teresa Leonor M. Vale	17
Murillo en el tiempo. Algunas copias decimonónicas y su distribución en Lebrija (Sevilla) - María del Castillo García Romero	25
A circulação internacional de bens museológicos no Portugal democrático (1974-2017) - Elsa Garrett Pinho	33
Portas para o intercâmbio cultural: reflexões sobre a competência autorizativa do Iphan para exportação temporária de bens protegidos - Virgínia Corradi Lopes da Silva; Adriana Sanajotti Nakamuta	42
No rasto dos marfins luso-africanos. O olifante da coleção de Jay C. Leff - Tiago Rodrigues	47
A dispersão das obras dos Segundos Pintores de Câmara e Corte de Lisboa - Mónica Marília Fernandes Parreira Gonçalves	54
As exposições da Sociedade Promotora das Belas-Artes em Portugal enquanto dinamizadoras do mercado de arte primário - Vera Mariz	61
A “migração” dos painéis azulejares presentes no refectório das monjas no Mosteiro de Odivelas - Anabela Querido Cardeira Arranja	71
<i>Ecce Homo</i> a caminho da exposição “Call for Justice”, na Bélgica: narrativas e processo de circulação - Inês Costa; Virgínia Gomes; Paula Menino Homem	76
Numa Terra de Mármore: A Renovação Oitocentista da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa - Mariana Penedo dos Santos	83
Ventura Terra e o elogio (possível) dos mármore de Estremoz na obra de reconstrução e monumentalização do Palácio das Cortes (1896-1903) - Rute Massano Rodrigues; Clara Moura Soares	90
Cidade de fachada: As transformações sofridas em São Luiz do Paraitinga após a enchente de 2010 - Rogério Pereira de Campos; Géssica Trevizan Pera	100
<i>Apear, restaurar e aplicar de novo...</i> Novas arquiteturas para velhos interiores de espaços religiosos de Lisboa. - Hélia Silva; Rita Mégre; Tiago Borges Lourenço	108
A Coleção Pádua Ramos: entre a cama e a vitrina - Rita Maia Gomes	116
Delfim Maya: processos de recuperação e divulgação de um património artístico esquecido - Leonor da Costa Pereira Loureiro; Frederico Henriques; Ana M. D. S. Bailão	124
Apropriação e reformulação do catálogo como meio expositivo alternativo nas décadas de 1960 e 1970 - Pedro Miguel Mariano Gonçalves.	130
O coelho na porcelana chinesa e na faiança portuguesa: Influências culturais e artísticas no século XVII - Mo Guo	138
«Un extravío de la piedad»: consequências e leituras da prática de vestir a Virgem em Portugal e Espanha - Diana Rafaela Pereira	145
A visão artística de Rafael Bordalo Pinheiro e sua influência no gosto português através da decoração de exposições - Rita Nobre Peralta; Alice Nogueira Alves	152
<i>ORDO CHRISTI</i> – Património Artístico da Ordem de Cristo entre o Zêzere e o Tejo (séc. XV e XVI) - Ricardo J. Nunes da Silva; Joana Balsa de Pinho; Fernando Grilo	160
Estácio da Veiga e o Museu Archeologico do Algarve - Ana Margarida Filipe	168
Museu Diocesano de Santarém: Circulação, dinâmica e diálogo do património cultural da Diocese - Eva Raquel Neves	176
Apontamentos sobre o Museu Nacional de Belas Artes: Tradição <i>versus</i> Modernidade nos discursos de 1961-1964. - Gabrielle Nascimento Batista	183

- O Frontão da Porta Especiosa. O método geométrico como auxiliar de reconstituição aplicado a obras escultóricas do Renascimento - Francisco Henriques 190
- Reproduzir para ensinar. Uma abordagem introdutória à coleção de galvanoplastias do Museu Nacional de Arte Antiga - André das Neves Afonso 197
- Três Prémios Pictóricos instituídos pela Academia de Belas-Artes entre 1884 e 1930 - Liliana Cardeira; Ana Bailão; António Candeias; Fernando A. B. Pereira 207
- O Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa – Uma casa de coleções - Alice Nogueira Alves; Luísa Arruda; Diana Fragoso 215
- Hanna Levy e o estudo do património artístico no Brasil - Adriana Sanajotti Nakamuta 224
- Arquitetura e Medicina Tropical: o polo da Junqueira – ecos de um património artístico integrado - Ana Mehnert Pascoal; Maria João Neto; Clara Moura Soares 233
- O Palácio Itamaraty como clivagem da síntese das artes - Leandro Leão 242
- Novos Usos para Lugares de Memória: História e Património Artístico da Quinta Alegre entre os séculos XVIII a XXI - Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara; Teresa Campos Coelho 251
- Novos Usos para Lugares de Memória: reencontrar o tempo na Quinta Alegre - Sofia Aleixo; Victor Mestre 259
- O *Nobil Uomo* António Jacinto Xavier Cabral, negociante de quadros antigos em Roma - Michela Degortes 268
- Pompeia na bagagem de um ministro português em Nápoles - Ricardo Estevam Pereira 278
- A musealização da pintura *Lamentação sobre Cristo deitado da Cruz* - Virgínia Glória Nascimento; Fernando António Baptista Pereira; António Candeias; Alice Nogueira Alves 288
- Um caso de “circulação” e “transformação” de património integrado: o túmulo do rei D. Dinis - Giulia Rossi Vairo 295
- (Re)Interpretar o visível - Ana Bidarra; Pedro Antunes 304
- As transformações materiais e imateriais de Santa Bárbara de Niterói, Rio de Janeiro - Luana Lara Safar Redini; Adriana Sanajotti Nakamuta 310
- «Dei aos monos do palácio feições humanas». O processo de renovação da galeria de retratos dos Vice-Reis e Governadores do Estado da Índia por Manuel Gomes da Costa (1893-94) - Ana Teresa Teves Reis; António Candeias; Fernando António Baptista Pereira 316
- As ações de preservação do património cultural móvel construídas pelo Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no Brasil (1937-2017) - Eliza Piccoli Ortiz; Adriana Sanajotti Nakamuta 324
- Considerações sobre a salvaguarda e divulgação dos espólios de artistas contemporâneos em Portugal - Madalena Nobre Pena 331
- A escultura ancestral do sudeste asiático: falsificações e reproduções; novos paradigmas - Mário Dourado dos Santos 338
- A replicação legal e ilegal de obras de arte. Conceitos para o entendimento da falsificação artística - Diana de Almeida Ramos 345
- A reconstituição dos guadamecis da Charola de Tomar – primeiros trabalhos - Franklin Pereira 352
- O livro *Le Sacre de Louis XV, roy de France et de Navarre dans l’église de Reims; le dimanche XXV Octobre MDCCXXII* – Da biblioteca de Marie Caroline de Bourbon, Duquesa de Berry, para uma biblioteca privada portuguesa - Ana Arez; José António Silva 356
- Tecnologias digitais na preservação do património cultural integrado: um estudo de caso da restauração dos painéis de azulejos da Igreja do Santíssimo Sacramento da rua do Passo. - James Barbosa Souza 364
- A galeria Borba-Redondo: notas de investigação - Miguel Figueira de Faria; Aline Gallasch-Hall de Beuvink; Raquel Medina Cabeças 371
- Caravaggio e Caravagescos em Portugal: colecionismo artístico e património em movimento - Vitor Serrão 388

Novos Usos para Lugares de Memória: reencontrar o tempo na Quinta Alegre

SOFIA ALEIXO

*Doutora, Oxford School of
Architecture, Oxford, United
Kingdom / Arquitecta [vmsa
arquitectos] Lisboa, Portugal /
Professora Auxiliar, Universidade de
Évora / Investigadora integrada do
Centro de Humanidades (CHAM
- FCSH/UNL) / Investigadora
associada do IHC - pólo
CEHFCI-UE. Portugal,
saleixo@uevora.pt*

VICTOR MESTRE

*Doutorando, Centro de Estudos
Sociais – Universidade de Coimbra
/ Arquitecto [vmsa arquitectos],
Lisboa, Portugal,
mestre.aleixo@mail.telepac.pt*

RESUMO:

Na segunda metade do século XX, o remanescente da outrora extensa Quinta de recreio romântica localizada nos arredores de Lisboa, estruturas edificadas e jardim, foi classificado como Imóvel de Interesse Público, observando seguidamente um período de degradação e abandono, até ao início do século XXI onde foi objecto de intervenção. Após uma leitura histórica da evolução social da Quinta Alegre, apresenta-se o estudo, o projecto e a obra de restauro, reinfraestruturação e ampliação deste património cultural, onde a expressão artística do programa decorativo da casa nobre, que poderia ter condicionado a definição de um novo uso, contribuiu para a definição de estratégias de reencontro deste lugar de memória com um novo tempo.

PALAVRAS-CHAVE:

*Quinta de recreio;
Património Cultural;
Intergeracionalidade; Restauro;
Reinfraestruturação; Ampliação.*

LUGAR DE MEMÓRIA

A Quinta Alegre, localiza-se na antiga Charneca do Lumiar, freguesia da cidade de Lisboa desde 1885, na fronteira Oriente com o concelho de Loures. A casa de habitar desta propriedade é referenciável, no contexto rural desta época e ainda nos dias de hoje, ao se encontrar nas imediações da igreja paroquial e do pequeno núcleo habitacional da Charneca. Implantada paralelamente à Estrada com o mesmo nome, em cota elevada em relação à propriedade, e desfrutando de uma vista desafogada sobre o Rio Tejo e Mar da Palha, a casa nobre pontuava a paisagem rural do século XVII, aquando da sua construção por Manuel Teles da Silva (1641-1709), 1.º Marquês de Alegrete [1].

Local de habitação de nobreza titulada, a casa nobre apresenta-se como um edifício austero e despojado, de rigorosa geometria e expressão arquitectónica contida apresentando dois pisos, janelas de sacada no piso superior e de peitoril no piso térreo, pátio de acolhimento, adega, cavaliças e armazéns de alfaias agrícolas. A austeridade dos elementos arquitectónicos exteriores contrasta com a exuberância decorativa dos interiores, em pinturas, estuques e azulejos, onde temas relacionados com as actividades diárias, a cultura e inovação, apresentam uma erudição artística que é transposta da capital para o meio rural, enquadrando os rituais familiares, as festas religiosas e os momentos de convívio social.



Fig. 1 – Levantamento da Planta de Lisboa, escala de 1:25 000: plantas 10X-10V-11X-11V. Autores: Júlio António Vieira da Silva Pinto e Alberto de Sá Correia (1904-1911).

Na casa nobre da Quinta Alegre, o programa decorativo do piso superior é diferente do programa piso térreo, onde o corredor de acesso ao jardim apresenta pássaros no tecto e a sala de refeições, ao lado da cozinha, apresenta representações de loiça decorada com motivos de inspiração oriental, ou *chinoiserie*, em bules, chávenas e manteigueiras, acompanhadas de pão e fruta. No entanto, todos os restantes compartimentos apresentam conversadeiras revestidas a azulejo azul e branco, escaiola, molduras, frisos de grinaldas e/ou gregas nas paredes, e tectos trabalhados com desenhos e encaixes de cuidada marcenaria. No piso superior, a cultura e inovação surgem representadas por instrumentos musicais, pelo globo e por referências à pintura como arte, enquanto que a pequena capela, espaço onde os baptizados da família se realizariam, apresenta símbolos religiosos na sua decoração.

No exterior, a par do carácter erudito da arquitectura da casa nobre, observa-se a norte uma área de mata, ou bosque, e a nascente um jardim formal, em patamares, frontal à fachada voltada ao Rio, contendo elementos de água - o tanque, o poço e a nora - que proporcionam momentos de recreio, calma e reestabelecimento no contacto com a vida e ar puro do campo por oposição à conturbada vida urbana, e configuram este lugar como uma quinta de recreio. Para além dos alegretes e muretes que delimitam o jardim, encontra-se uma extensa área de férteis terrenos e abundância de água com vinhas, pomares, olival, hortícolas e terra de sementeira, onde o sistema integrado de abastecimento de água, e o seu funcionamento, foram especificamente concebidos para uma propriedade com exploração agrícola.

No âmbito das quintas de recreio dos arredores de Lisboa, será ainda uma aristocracia tradicional, a par de uma emergente burguesia endinheirada que as ocupa, particularmente na parte oriental da cidade, na transição do século XVIII para o século XIX. Sendo a datação da construção desta casa nobre desconhecida, tal como se desconhece se foi originalmente concebida como Quinta de recreio, será no início do século XIX que se enquadra João Bento de Araújo, um “poderoso comerciante

de Lisboa”[2], que se instala na Quinta Alegre em 1819 e que deixa a sua marca física na história social desta Quinta [1]. Ao não ter família fundadora nem aristocrática nem influente na corte portuguesa, e por isso não dispor de pedra de armas, João Bento de Araújo opta por colocar a data de aquisição da propriedade no seu monograma na entrada, em brozem, encimando portão de ferro forjado, e em peça de cantaria na pequena fonte pública exterior onde, demonstrando uma vertente benemérita, terá fornecido água à comunidade local.

Provida de diversas campanhas de obras de renovação (nomeadamente pelo seu sobrinho herdeiro em 1864), revelando o gosto artístico da época e a modernidade dos seus proprietários, a casa nobre da Quinta Alegre é, no início do século XX, palco de eventos sociais, reuniões e festas, da esfera da vida privada que são divulgados publicamente através de registos em clichés do fotógrafo Joshua Benoliel (1873-1932) e que são publicadas na *Ilustração Portuguesa*. A reportagem “Uma ‘garden party’ na Quinta Alegre” [3] publicada em 1908, é um testemunho histórico da vida social nesta casa, que recebia uma sociedade urbana que se deslocava nas suas recentes e modernas viaturas automóveis, para momentos de fuga da monotonia que o progresso tinha trazido à cidade, permitindo entender a importância destes locais na sociedade neste período.



Fig. 2 - “Uma ‘garden party’ na Quinta Alegre” (1908). Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em <http://digitalq.arquivos.pt/>, ref. PT-TT-EPJS-SF-008-08234_m0001

CONHECER: DO SÉCULO XX AO SÉCULO XXI

Ao longo do século XX observou-se uma progressiva redução de área da propriedade, que igualmente reflectiu outro tempo na sua importância sociocultural e urbana, tendo sido afectada pelos desenvolvimentos da cidade de Lisboa. Da memória da extensa Quinta Alegre de produção, ainda documentada na cartografia de Silva Pinto (1911) e na Planta de Lisboa (1950), não se encontram já vestígios da mata e do jardim romântico, e observa-se delimitação de uma área menor dedicada ao espaço produtivo que terá resultado, inicialmente de expropriações devido à construção do aeroporto de Lisboa (1942) e ao prolongamento das suas três pistas (1947), e depois provavelmente por venda de parcelas que se destacaram, processo comum em quintas de grandes dimensões nas zonas periféricas da capital. Aliás, na descrição incluída no *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa* [4] sobre a transição “Das quintas senhoriais à empresa pública de urbanização” [p.42], é abordada a construção de bairros que, na década de 60, dá lugar à promoção imobiliária por parte de grandes empresas que implantam bairros em vastas e desordenadas operações fundiárias, em terrenos de antigas quintas nos arrabaldes, a par de iniciativas municipais localizadas principalmente ao longo das saídas da cidade para norte. Embora a Quinta Alegre seja referida nesse Guia (p. 217), não foi directamente afectada por estas iniciativas, nem pelos posteriores planos da EPUL (1971-2014), que preservaram, como indicado no Plano Geral de Urbanização da Cidade a “Charneca. Antigo núcleo arrabaldino da cidade que se desenvolveu em volta do seu terreno de feira e campo de amoreiras. «Testemunho da imagem rústica sete-oitocentista»” (p. 213).

Comprada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) em 1983, é descrita na escritura como composta por “casa nobre, pátio com dois portões de ferro, jardim e parque, armazém em alvenaria e zona descoberta”. Imóvel de Interesse Público desde 1962, apenas em 1977, e no âmbito de uma extensa classificação de monumentos nacionais, se esclarece que a classificação abrange a quinta “com

o palácio, jardins e construções ou elementos decorativos nela existentes” [5]. No entanto, ao alcançar o século XXI a Quinta Alegre apresenta um estado de conservação frágil mas tipologicamente coerente e intacto, encontrando-se reduzida à casa nobre (intacta), anexos agrícolas (em ruínas), pátio de aparato (cujos revestimentos azulejares foram removidos para salvaguarda e restauro após sucessivos furtos) e uma área exterior murada onde se encontram ainda o lago, a nora, o poço, e plátanos de frondoso porte num abandonado jardim, onde as cantarias de alegretes, escadório e pináculos já não se encontravam no local.

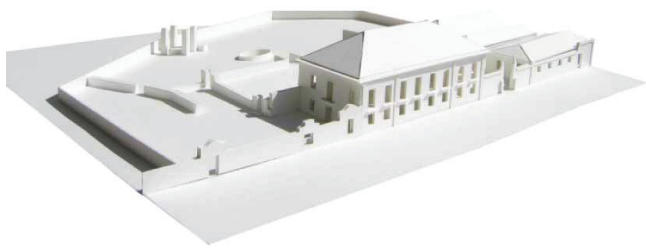


Fig. 3 – Quinta Alegre: maqueta da propriedade comprada pela SCML em 1983. Fonte: vmsa arquitectos (2007).

A Quinta Alegre, é assim na actualidade um lugar de memórias históricas, como um arquivo familiar, guardando páginas da vida social privada. A história de lugares como este proporciona o estabelecimento de memórias que se desvanecem com o tempo, onde registos documentais permitem perdurar por gerações. O património edificado constitui um desses documentos, onde as memórias que as paredes antigas podem desencadear reflectem usos ancestrais. Quando décadas passam sobre edifícios cujos usos não se adaptaram sucessivamente à evolução da sociedade, revela-se uma certa dificuldade na reutilização desses lugares, perdendo-se as memórias no tempo, entretanto em decadência, por vezes em ruína. Este foi também o percurso da Quinta Alegre onde o abandono revelará o que seria a desadequação dos desígnios que terão estado na origem da Quinta à movimentada e automatizada vida trazida pelo novo século XX. Notoriamente, e tal como sucedeu com muitas outras, as quintas de recreio deixaram de ser relevantes na exposição social dos seus proprietários.



Fig. 4 – Quinta Alegre: vista do Campo das Amoreiras. Fonte: vmsa arquitectos (2007).

RECONHECER

A metodologia de abordagem ao estudo da actual propriedade murada da Quinta Alegre, partiu da análise histórica documental de desenhos e textos, a par de uma leitura atenta e coordenada da realidade física construída (vmsa arquitectos), do sistema decorativo (técnico de conservação e restauro António Vazquez), e da paisagem (arquitecto paisagista Luís Cabral) que permaneceu até ao início do século XXI [6]. Consideraram-se como elementos fundamentais desta tipologia habitacional a sua relação com o lugar, a arquitectura que materializou um espaço de habitar, na sua morfologia de conjunto e na expressão dos seus alçados, na distribuição espacial das funções sociais nos espaços interiores e a sua relação com as escadarias de articulação entre a entrada, a circulação e, no andar nobre, com o jardim e paisagem exterior. Nos espaços exteriores, procurou-se entender o sistema hidráulico, o enquadramento no contexto do aglomerado rural e o papel cenográfico da casa nobre sobre a paisagem.

A decoração interior, mural, em tectos e pavimentos, regista numa expressão artística e técnica uma gramática decorativa utilizando diversos suportes e materiais. Por exemplo, a escadaria nobre, cuja localização é imperceptível do exterior, tem uma réplica na fachada, no piso inferior que surge dissimulada como se de um compartimento se tratasse, enquanto que no interior apresenta cantaria em calcário no pavimento, escaiola nas paredes, e silhar de azulejos pombalinos policromos, que acompanha os degraus com decoração em rosetão central em esponjado sobre rodapé verde.

ADAPTAR: HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A implementação de uma ideia de reutilizar a Quinta Alegre passou por repensar, atualizando, os usos deste património como espaços de interação e convívio, potenciadores de um sentimento de pertença, contribuindo ainda para a sustentabilidade dos equipamentos. O próprio contexto sociocultural e a geografia do lugar alteraram significativamente o sentido do uso desta casa aristocrática na sua génese. Ao fazer agora parte integrante da cidade, reduzida na sua área, qualquer ideia de habitar este lugar teria de passar pela definição de um uso que permitisse a sua fruição num inovador paradigma funcional. Nesse âmbito, a SCML tinha estabelecido os princípios sociais de *intergeracionalidade*, *mobili-idade* e *sustentabilidade* como princípios gerais orientadores da recuperação dos seus palácios degradados [7]. No caso da Quinta Alegre, definiu o seguinte “Programa de Organização e Ocupação de Espaços”: “Procura-se uma relação intergeracional entre os idosos e jovens de forma a garantir uma interação constante e um desenvolvimento intelectual e social, evitando o isolamento e exclusão recorrente na 3ª idade (...) destinando o Palácio a funções abertas à sociedade que servirá como ponto de encontro entre gerações. O Jardim deverá ser considerado enquanto centro lúdico e de actividades (tais como tai chi, jardinagem, horticultura, circuitos de manutenção, entre outros) promovendo a vivência exterior e actividades físicas. Para a reabilitação da Quinta Alegre e implementação do programa funcional sugerido, propõem-se 3 unidades de acção, de forma a garantir um procedimento mais rápido” [8].

Esta intenção de instalar na Quinta Alegre um espaço intergeracional [9], com um lar residencial de idosos e uma unidade residencial de jovens, procura encontrar uma resposta social ao isolamento e à exclusão dos primeiros ao proporcionar a partilha de espaços com os segundos, considerando-se ainda que a abertura à comunidade exterior da casa nobre e seu jardim, com actividades lúdico-recreativas, potenciará a estima colectiva por este patrimó-

nio. Requer este programa a refuncionalização da casa nobre e do conjunto das construções de apoio rural adicionando novos volumes, dinamizando uma interdependência social e funcional onde o jardim contribui para o estabelecimento dessas relações. O conceito de *intergeracionalidade* constitui assim o móbil desta intervenção, permitindo pensar de forma global o conjunto de espaços articulados por actividades onde as diferentes gerações possam vir a encontrar um lugar de convívio comum.



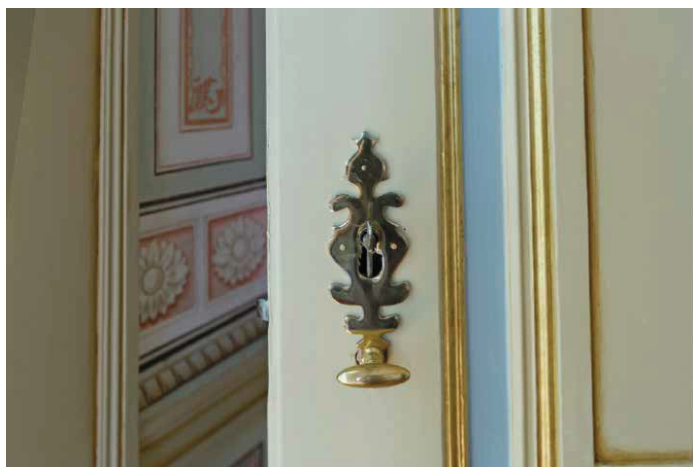
Fig. 5 - Unidade Intergeracional da SCML na Quinta Alegre, 2017. Fonte: vmsa arquitectos.

Às unidades de acção definidas, correspondem as fases de intervenção, concretizadas em projectos de arquitectura e especialidades. A fase prioritária corresponde à de restauro e reinfraestruturação da casa nobre e jardim, permitindo a sua abertura à comunidade que poderá aceder a espaços onde a expressão artística e cultural promoverá o bem-estar enquanto simultaneamente salvaguarda o património, e potencia a estima pública. A esta fase denominou-se *unidade social* (inaugurada em Julho 2017). Na segunda fase tratou-se de implementar uma *unidade assistida* nos anexos agrícolas, redimensionando-se o edifício classificado (em estado de ruína), construindo-se a sua ampliação com mais um piso onde se instalaram quartos com apoio médico 24 horas/dia, e construindo ainda um novo edifício de quartos e apartamentos para os reformados da SCML (a inaugurar em Julho 2018). Finalmente, o projecto (em curso) de uma *unidade residencial*, a instalar em novo edifício, de pequenos apartamentos autónomos, que acolherá estudan-

tes e jovens casais. No global, este lugar permitirá que o conceito de *intergeracionalidade* encontre um espaço físico qualificado para a partilha de memórias numa vivência quotidiana com a cultura do século XVIII.



Figs. 6 e 7 – Casa nobre: fachada sobre a antiga Estrada da Charneca e pátio de aparato. Fonte: Filipa Bernardo (2018).



Figs. 8 e 9 – Casa nobre: quarto dos panos drapeados, suspensos criando cenário pictórico com motivos de amor, e detalhe de fechadura. Fonte: Filipa Bernardo (2018).

A intervenção foi estruturada por três atitudes perante o património em presença. Primeiro o restauro do programa decorativo, valorizando a pintura mural onde o próprio proprietário fez inscrever as suas insígnias na sala da música, resgatando os estuques das suas lacunas e fissuras e expondo de novo as escaio-las entretanto escondidas por camadas de tintas industriais, tratando os azulejos em conversadeiras, escadaria e pátio de aparato exterior restituindo as cores, padrões, e o acolhimento das figuras de convite, apreciando as magníficas madeiras em tectos, paredes, pavimentos e caixilhos procurando a sua manutenção e preservação pela substituição mínima de peças não funcionais, e recuperando o esplendor do cuidado desenho das serralharias como no caso das guardas e portõ



Figs. 10 e 11 – Casa nobre: sala de jantar, como motivos vegetalistas, pássaros e arquitectónicos em *trompe-l'oeil*, e sala das artes, com instrumentos musicais e cavaletes. Fonte: Filipa Bernardo (2018).

Previamente, no entanto, procedeu-se à intervenção de reinfraestruturação dos espaços com a introdução de núcleos de sanitários, refuncionalização mínima da cozinha e adequação dos sistema eléctrico, de climatização e de segurança contra incêndio, de acordo com a legislação em vigor, e no pleno respeito por todo o programa artístico descrito, pela autenticidade dos materiais que persistem com as suas qualidades estruturais e artísticas, e pela espacialidade de uma casa nobre, de características específicas a preservar. Finalmente, a ampliação das construções existentes, de forma a permitir um uso social qualificado.



Figs. 12 e 13 – Reinfraestruturação: iluminação, energia, aquecimento e segurança contra incêndio coexistem com programas decorativos em pavimentos, paredes e tectos. Fonte: Filipa Bernardo (2018).



Figs. 14 e 15 – Casa nobre: sanitários e cozinha; actualização para o uso contemporâneo mantendo a visibilidade das pinturas murais e no tecto, e do padrão pombalino de estrelinha, em azul cobalto sobre fundo branco. Fonte: Filipa Bernardo (2018).

RE-HABITAR UM LUGAR DE MEMÓRIA(s)

O re-habitar na contemporaneidade o património histórico, actualizando-o e dando-lhe um sentido social e comunitário, permite a criação de novas memórias através de novos usos por novos utentes. E nesse sentido se procura divulgar esta intervenção que ainda se encontra em curso [10,11,12]. Reabilitar para o século XXI significará assim restituir o património à estima pública, através do uso qualificado, e permitir a restituição do usufruto do património, criando recordações que se poderão voltar a publicar e fotografar como Benoliel fez há 110 anos.



Figs. 16 e 17 – Intervenção paisagística: o jardim, o pomar, os canteiros de aromáticas, o lago e a nora. Alegretes, plátanos centenários e novo edifício de alojamentos para reformados da SCML. Fonte: Filipa Bernardo (2018).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago; COELHO, Teresa Campos - *Novos Usos para Lugares de Memória: História e Património Artístico da Quinta Alegre entre os séculos XVIII a XXI*. Comunicação apresentada no Congresso Dinâmicas do Património Artístico – Circulação, Transformações e Diálogos, Org. FLUL, Outubro 2018.
- [2] TENGARRINHA, José - *Venda dos bens da coroa em 1810-1820: os reflexos de uma crise nacional*. *Análise Social*, vol. xxviii (122), 1993, pp. 607-619.
- [3] BENOLIEL, Joshua - *Uma 'garden party' na Quinta Alegre* (clichés). Empresa do Jornal O Século, Lisboa, 1908.
- [4] AAVV - *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*. Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1987.
- [5] VALE, Teresa; GOMES, Carlos; CORREIA, Paula; MANTAS, Helena - *Casa da Quinta Alegre / Casa da Quinta do Marquês do Alegrete / Centro de Formação Profissional da Santa Casa da Misericórdia*.

córdia de Lisboa (IPA.00003200). Direcção-Geral do Património Cultural, Ministério da Cultura, 2004.

[6] MESTRE, Victor; ALEIXO, Sofia - *Quinta do Marquês do Alegrete: conservação e restauro do palácio e jardim romântico: relatório prévio e memória descritiva apresentados à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Vmsa arquitectos, 2014.

[7] SCML - *Santa Casa recupera palácios degradados*. Comunicação apresentada na 1.ª Conferência os Palácios Históricos de Lisboa. Memória, Ruína ou Futuro?, Org. Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Fórum Cidadania Lx, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 24 Janeiro 2015.

[8] SCML - *Quinta Alegre – Palácio do Alegrete. Campo das Amoreiras, 94 - Programa de Organização e Ocupação de Espaços*. DGIP: DIPO - Unidade de Projectos e Obras. Fevereiro, 2014. In <http://www.am-lisboa.pt/documentos/142926965117eSN7uj5S-117KW9.pdf> (2018-07-31; 13:30)

[9] NAPOLEÃO, Maria Eduarda - *Novo paradigma de habitação para seniores*. Cidade Solidária, n.º 35, 2016, pp.56-65.

[10] ALEIXO, Sofia; MESTRE, Victor - *Exposição “Quinta Alegre, de pessoas para pessoas”*. Brochura. Palácio da Quinta Alegre, Lisboa, 4 Jul.17 – Ag.18.

[11] ALEIXO, Sofia; MESTRE, Victor - *Património integrado em edifícios históricos: opções éticas e metodológicas em intervenções de conservação e restauro na Quinta Alegre*. Comunicação apresentada no I Simpósio Ibérico ‘A cal na arte e no património edificado’. Org. Laboratório Hércules | Universidade de Évora, Évora, 19-20 Outubro 2017.

[12] ALEIXO, Sofia; MESTRE, Victor - *The Palace of Quinta do Marquês do Alegrete: restitution strategies for space, time and memory*. A Cidade de Évora. Boletim da Cultura da Câmara Municipal de Évora, III série, N.º.1, Évora, 2016, pp.554-571.